

## Artigo

### **MARVIN CARLSON: *Performance: a Critical Introduction*, uma breve crítica da edição em português.**

**Robson Corrêa de Camargo**

*Artigo publicado no livro *Corpo, Estética e Diferença e outras performances nômadas*. Petronilio, Paulo e Camargo, Robson (orgs). A ser publicado no formato de ebook em 2016 pelas Edições Paulineas, São Paulo. Apresentado no Seminário NaPedra em *Performances: Criações em novembro de 2015*, USP/São Paulo.*

Marvin Carlson teve sua obra *Performance: a Critical Introduction* traduzida ao português e lançada em 2010 pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mas ela, a obra, o texto, é mais antiga, sua primeira versão original foi publicada nos EUA em 1996 e depois em 2004 (segunda edição). Na página inicial desta segunda edição EM inglês, de dez anos atrás, há uma apresentação da editora que anuncia, ao lado da curta biografia de Carlson, que o livro *Performance: a Critical Introduction*, é um *textbook*, ou seja um livro didático que providencia uma visão panorâmica do conceito moderno de performance desde 1960, em seus vários usos, sem necessariamente fazer grandes aprofundamentos e escolhas. Justamente quando a palavra performance começava a ser largamente utilizada em português.

Descreve o prefácio que Carlson trata da relação entre performance e pós-modernismo, e os estudos culturais, e de alguns desenvolvimentos teóricos que a acompanham no campo da antropologia, linguística, psicanálise, tecnologia.

Publicado por uma das mais importantes editoras norte americanas de livros sobre teatro, Routledge, esta obra, de tão grande escopo, aponta seus limites, apesar de sua qualidade evidente. É um panorama da prática e da teoria da performance dirigido ao mercado universitário norte-americano, que procura providenciar textos para os jovens estudantes, que os iniciem brevemente nas matérias mostrando alguns elementos de seu estudo. Não procura necessariamente as diferenças ou aprofundamentos conceituais, ao contrário. Aliás, obra essencial, já que o assunto é espinhoso e solicita uma exposição do máximo possível das cartas existentes sobre a mesa das performances. Mas, novamente, este livro não pretende um aprofundamento das diferenças, apenas relaciona os diferentes, mas não pretende se aprofundar em suas questões, nem o deseja, como expressa seu autor.

Aponta Carlson, no início de seu prefácio à segunda edição (2004), que a performance havia emergido como "uma nova orientação dentro do mundo da

apresentação teatral (*theatrical presentation*), assim se apresentava (também) como uma “metáfora crítica dentro da cultura contemporânea de forma geral” (prefácio ix). Dentro desta duplicidade Carlson separa a arte da performance das performances culturais ao falar do "microcosmo" da "*performance art*" e do "macrocosmo" da performance cultural e social. Além disto, aponta Carlson, sobre esta arte em seu microcosmo, na mesma página, em 2004, que agora a divisão tradicional que teria existido quando do surgimento da *performance art*, entre o que seria o teatro tradicional e a "arte da performance" havia então desaparecido, se esfumara, principalmente pela utilização de novas mídias e novas tecnologias em ambos os fenômenos artísticos.

Entretanto esta relação precisa ser examinada com mais detalhes. Por exemplo, alguns dos estudiosos da performance apontam inadvertidamente que a grande contribuição da *performance art* ao teatro seria o seu grau de improviso acrescentado à velha arte do drama, mas esta afirmação carrega um total desconhecimento da arte do drama que apresenta a improvisação em suas estruturas, em maior ou menor qualidade, mesmo em suas formas mais clássicas.

Aponta ainda Carlson, em relação ao macrocosmo dos estudos da performance, que a performance e sua "companheira próxima", a performatividade, dominam agora o discurso dos estudos culturais, dos negócios, da economia, da tecnologia. A performance, como metáfora, reitera Carlson, tornou-se uma ferramenta crítica para quase todos os aspectos da atividade humana. Performance implica, para Carlson, não apenas o fazer e o refazer, "mas uma auto consciência sobre o fazer e o refazer por parte dos performers ou espectadores, uma implicação de grande importância para nossa sociedade altamente consciente" (pg ix). Ainda em relação ao macrocosmo, Carlson afirma que a performance, em seu constante fazer e refazer, está associada também ao "incorporar da tensão entre uma forma ou conteúdo dado do passado e os necessários ajustes de um sempre mutante presente" produzindo assim uma operação de particular interesse, num tempo de crescente fascínio nas negociações culturais<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A citação é mais longa: *its embodiment of the tension between a given form or content from the past and the inevitable adjustments of an ever-changing present make it an operation of particular interest at a time of widespread interest in cultural negotiations - how human patterns of activity are reinforced or changed within a culture and how they are adjusted when various different cultures Interact.* Carlson 2004 pg ix).

Agora, na sua Introdução deste livro em foco, num trecho publicado em nossa língua, mas não de forma criteriosa, Carlson abre um título provocador: o que é performance? e avisa que seu objetivo neste livro é realizar uma introdução ao "contínuo diálogo" onde a performance se articula, provendo uma variedade de mapeamentos do conceito, alguns que se sobrepõe e outros bem divergentes (pg 2, edição inglesa), sublinhando que considera um mapeamento completo ser totalmente impossível, dada a grande diversidade de contribuições, reconhecendo-se uma disputa, uma luta (*contestedness*) que se estabelece frente ao conceito de performance. Carlson evita tratar nesta obra o que ele chama de teatro tradicional, sua especialidade enquanto historiador, e se dirige a tentar entender as atividades que tem sido apresentadas para o público como performance e/ou "*performance art*". Entretanto aqui retorno à questão inicialmente apresentada, da separação entre estudos da performance, que chamo performances culturais, e a "*performance art*", embora os estudos da performance possam ter como objeto estudar a "*performance art*".

As tradutoras ao português deste livro de Carlson não perceberam a confusão que está se aprofundando em nossa língua (pg 2) e ainda complicam este terreno pantanoso, pois utilizam artes performáticas ao traduzir "performance art", quando o autor foi específico em seu termo "performance art".

Entender *performance art* como artes performáticas, como entendidas em nossa língua, tais como o circo, a dança, a ópera etc.... em vez de discriminar o movimento artístico que surgiu na década de 1960, é tomar banho com a água suja no bebo que acabou de tomar seu banho. O estudo de Carlson delimita claramente, primeiro não pretender falar do teatro tradicional, mas de uma variedade de atividades que tem sido correntemente apresentadas para o público *under the title of "performance" or "performance art"*, ou seja sob o título de performance ou de arte da performance, as aspas do autor são bem claras quanto aos termos de sua análise. Sabemos que a tradução não é uma ciência precisa, mas neste caso a imprecisão leva a confusão. O trabalho de Carlson merece ser lido por aqueles que querem se dedicar a conhecer a performance, mas com as devidas cautelas.

Mas vamos continuar ainda com Carlson, em nossa emaranhada selva dos estudos da performance. Carlson, e agora nos dirigimos a um artigo seu publicado em 2011, num livro comemorativo aos 75 anos daquele que é considerado o "papa" dos estudos da performance, Richard Schechner. O artigo de Carlson traz o interessante nome de *The Rise of Performance Studies. Rethinking Richard Schechner's Broad*

*Spectrum*. (A ascensão dos estudos da performance. Repensando o amplo espectro de Richard Schechner). Neste artigo Carlson, entre outras questões, introduz um fato ocorrido na convenção de 1992 da Associação de Teatro na Educação Superior (ATHE) quando Schechner defende veementemente, na principal conferência desta Associação, uma mudança de paradigma nos estudos de teatro que aconteciam àquela época, o que Schechner chama da mudança Kuhnian (*Kuhnian Shift*). Thomas Khun havia apontado a inabilidade dos sistemas de pensamento dominantes nos estudos de teatro de acomodar e incorporar as novas perspectivas, metodologias e as informações que teriam surgido de forma intensa nas décadas de 1960 e 1970, apontando que isto já fora realizado pelos estudos da performance que ele, Schechner fundara (conforme artigo de Schechner em *The Drama Review* 36.4 (1992: 7-10). O drama então, em 1992, teria que superar este velho conflito, assumindo as questões agora colocadas pelos estudos da performance, tais como Schechner fizera com Turner e outros.

Mas como estamos agora, no Brasil, em 2014, vinte anos depois da fala de Schechner e na frente de novos desafios, as performances culturais como prática interdisciplinar devem procurar superar as velhas pendengas do teatro versus a arte da performance e se dirigir a ser um caldeirão fervente (*melting pot?*) de novas possibilidades de análise dos atos da cultura, na intersecção de vários estudiosos, de várias formações, de vários métodos. As performances culturais se encontram agora fora das caixas disciplinares e não devem a ela retornar, nem se pensar em estabelecer como um novo campo. Um cruzamento não compõe uma rua e é o melhor da rua.

Bom, esta é uma pequena introdução ao grande buraco negro que se apresenta nos estudos da performance. O presente livro é produto deste processo, mas que pretende construir um outro olhar nos estudos das performances, ao sul do Equador, construindo novas reflexões neste distorcido emaranhado que se abre, o estudo interdisciplinar das civilizações a partir das Performances Culturais.